



MULHER QUE VALE À PENNA: REPRESENTAÇÕES DO FEMININO NA IMPRENSA DO ALTO SERTÃO BAIANO (1900 A 1930)

Maria Lúcia Porto Silva Nogueira*

Estudar as representações do feminino a partir dos registros de um jornal sertanejo do Alto Sertão da Bahia¹, nos idos 1900, torna-se tarefa interessante e uma pesquisa bastante enriquecedora, na medida em que revela a mentalidade de uma época e o lugar social ocupado pelas mulheres naquele contexto. Antes de qualquer dúvida, importa dizer que a mulher que “vale a pena” para o Jornal A Penna, configura-se no retrato de uma realidade em que a visibilidade das mulheres acontecia nas malhas da dominação masculina e carregada de estereótipos cristalizados por uma sociedade de longa tradição conservadora. Entretanto, interessa-nos saber, que outros modelos “valem a pena” para além do Jornal A Penna e para isso é preciso adotar o enfoque da crítica feminista no sentido de desconstruir tais estereótipos.

O Jornal *A Penna*, com sede em Caetité-BA², circulou na cidade e em toda a região no período compreendido entre 1897 e 1943, com publicações quinzenais, apesar de algumas interrupções. Se considerarmos o arcabouço intelectual norteador deste jornal e os temas mais recorrentes nas publicações, podemos identificar dois eixos articuladores: por um lado, a atenção dada às ações e movimentações dos cidadãos e das camadas mais favorecidas, noticiando aspectos da vida social e outros fatos corriqueiros. Por outro, a insistência em denunciar os problemas da região sempre atingida pelas secas e em mostrar a situação da região com as crescentes saídas do homem sertanejo para outras paragens (principalmente São Paulo), em busca de melhores condições de sobrevivência, ao tempo em que investia na propaganda das potencialidades do sertão, justificando a desnecessária saída do sertanejo para terras distantes³. Assim, podemos dizer que o Jornal *A Penna*, em grande parte do período que ora queremos evidenciar – até 1930 - traz sempre à

* Mestranda em História Social pela PUC – SP, bolsista do CNPQ. Tem Especialização em História do Brasil pela Universidade Católica de Minas Gerais; é Professora Auxiliar da Universidade Estadual da Bahia (UNEB) – Campus VI – Caetité/Bahia.

¹ Cidade localizada no Sudoeste da Bahia, fica a 757 km da capital. No início do século XX, desfrutava de posição privilegiada em assuntos políticos e econômicos e mais ainda como centro difusor de cultura pelo seu progresso no setor educacional.

² Segundo Neves (1998:22), “geralmente definem região de modo pouco preciso física ou sócio-economicamente, como área que se pretende delimitar, com ‘critérios parciais da espacialidade, que ‘recortam a base física’: região semi-árida, demarcada pelos fenômenos climáticos; região do sertão, caracterizada pela morfologia da vegetação; região do Alto Sertão da Bahia, referenciada na posição relativa ao curso do rio São Francisco na Bahia e ao relevo baiano que ali projeta as maiores altitudes”.

³ Em nota do Jornal *A Penna* do dia 03/01/1918 pode-se ler: “Tivemos nos dias 1º e 2 do corrente chuvas que muito humedeceram o solo e fizeram descer a esperança no coração do nosso povo. Entretanto, aqui passaram n’estes dias duas levadas de emigrantes que somavam 44 indivíduos. Si é moda!”.



primeira página, uma crônica jornalística assinada pelo redator e proprietário João Gumes, que utilizando-se desse “gênero menor” da literatura, passou a registrar as singularidades do Alto Sertão baiano agravadas pela falta de chuvas e pela ausência de uma educação mais efetiva de esclarecimentos e conscientização do sertanejo para valorização da sua terra. As propagandas estavam sempre na última página.

A visibilidade feminina através deste jornal, dava-se o tempo todo numa situação única de “papéis estritamente femininos”, aqueles que reforçam uma condição de diferença sexual, baseada em aspectos puramente biológicos e um lugar social circunscrito ao lar e ao mundo privado. O discurso do jornal sobre a participação feminina na política é apresentado com humor e descrença na capacidade das mulheres para assuntos de política, como se depreende deste trecho:

Uma Conquista do feminismo – As mulheres do Rio Grande do Norte podem votar e ser votadas [...] Agora o Rio Grande do Norte deu à emancipação política da mulher um caráter definitivo, a nova lei eleitoral consagra um artigo que diz: Pode votar e ser votado qualquer cidadão de ambos os sexos, estando nas condições estabelecidas na presente lei. [...] Não queremos duvidar da eficiência política do voto feminino, somos menos inclinados a concedê-lo, de nossa parte a certas mulheres de aspectos varonis e de mentalidade desenvolvida, mas queremos acreditar que os homens feios não terão o voto feminino. O R. G. do Norte propoz a experiência, *nós iremos navegar nas suas águas se ellas não ficarem revoltas e turvas*⁴.

Opiniões cheias de preconceitos direcionados às mulheres estão presentes nas piadas e brincadeiras das sessões de entretenimento que eram veiculadas no jornal. A declaração que segue, embora sem identificação da autoria, é mais uma das muitas evidências da presença de preconceitos contra as mulheres e esta é pois, a tendência geral da mentalidade do jornal:

O direito de voto que entre nós, até agora vinha sendo somente pelos homens, começa já a preocupar a mulher paulista, por efeito do contágio, pois *o mal* já invadiu Minas, Rio de Janeiro e Rio Grande do Norte. A primeira paulista que requereu a sua instrução no rol dos eleitores é a Sr^a D. Maria de Barros Prado, professora pública residente no distrito de Liberdade, em São Paulo. Não somos contrários a esta e outras pretensões (sic) do feminismo, mas *nos arreceiamos e muito, da sorte dos genros que vierem a ter sogra nas hostes oposicionistas... quando se der o direito de voto às sogras*⁵.

A posição do Jornal *A Penna*, é bem clara no que tange à política: faz apologia ao regime republicano, colocando-o como o caminho certo para o Brasil entrar na era do progresso; defende os ideais de democracia do regime argumentando: “A escola da democracia está agora sob a égide da lei, dos bons costumes, da moral e da honestidade dos governos”⁶. Vale dizer que a democracia aqui significava voto aberto para uma minoria alfabetizada da população masculina que descambava

⁴ Jornal *A Penna*- 01/12/1927. (Grifo meu).

⁵ Jornal *A Penna* – 03/01/1929.

⁶ Jornal *A Penna*, 15/11/1919.



para os arranjos das atas eleitorais resultantes do voto “bico de pena” e as articulações que garantiam os resultados desejados⁷.

As mulheres continuavam por lei, excluídas da sua cidadania civil: não votavam nem eram votadas e no jornal objeto desta análise, não há registro de mulheres ocupando funções administrativas ou outra função pública qualquer, a não ser no exercício do magistério, embora se saiba que elas estivessem presentes de outras formas na dinâmica das relações sociais e na faina diária das atividades necessárias à sobrevivência, ora ajudando nos negócios do marido, ora dirigindo os seus próprios negócios em condições adversas de viuvez ou abandono dos pais de seus filhos. Além destas formas disfarçadas de participação feminina, elas eram fortes agentes sociais nas campanhas de solidariedade, nas festas religiosas e, como já dito, na educação.

Neste sentido, vale a recorrência aos estudos de Joan Scott (1990:42) por pontuar a necessidade de uma “desconstrução” verdadeira dos estereótipos atribuídos ao mundo feminino e considerar as singularidades de cada contexto e os processos em que se desenvolvem. Estudos nesta perspectiva, devem considerar a categoria gênero como um campo primário dentro do qual e por meio do qual se articula o poder. Este aparece multifacetado e se inscreve tanto nos símbolos impostos pela cultura, como nos conceitos normativos expressos em doutrinas religiosas, educativas, científicas, legais, políticas e também no interior das relações familiares. As teias do poder estão emaranhadas no âmbito do espaço público, mas também no espaço privado e no lar estão postos vários níveis de poder na tessitura das formas de convivência dos seus membros e ali emergem “micro-poderes”.

Desde o início da sua existência, o jornal tinha a característica que ora apresentamos; na coluna de entretenimento chamada “Intermezzo”, as piadas emitiam opiniões pejorativas sobre as mulheres⁸ e no extremo oposto, as sessões de “Poesias” se desdobravam no enaltecimento da imagem romântica da mulher como esposa, mãe e dona de casa. Na coluna “Para as donas de casa”, vinha o alerta para a carestia do custo de vida e a propaganda para que as mulheres buscassem medidas alternativas no sentido de ajudar a diminuir as despesas de casa; tratando de ensinar a

⁷ Para elucidar, é significativo o conteúdo da carta do Sr. Manoel Fabrício de Oliveira, escrita em Campestre-BA, em 04/02/1909 e endereçada ao Dr. Deocleciano Teixeira, chefe político de Caetitê: “Tenho a distinta honra de comunicar a V. Ex^a que correu placidamente as eleições daqui e conforme verá da nota junta, o resultado da distribuição de votos aos candidatos da chapa, não houve nenhum voto extra-chapa”. (APMC, Mc 04, Cx 03, Correspondências Dr. Deocleciano Teixeira).

⁸ Em 09/02/1912, a coluna publicava a seguinte piada: - Oh! Sua sogra tem uma alma grande! – Com certeza! Se é um canhão?



receita de uma banha caseira, arrematava: “É simples e qualquer dona de casa pode preparar e usar na certeza de ter uma gordura digesta e muito barata para todas as comidas e bolos, etc.”⁹.

Pela propaganda dos remédios, é visível como atribuíam às mulheres enfermidades que reforçavam a diferença sexual, colocando-as numa condição de fragilidade e inferioridade; os medicamentos para o bom funcionamento do útero eram vários e ocupavam muito espaço nas páginas do jornal e numa época em que o volume de propagandas era pequeno. Este aspecto, segundo Rago (2004:32), é reflexo das construções imaginárias provocadas pelos discursos médicos desde o século XIX, em que as mulheres deveriam eleger como prioridade a “missão” de serem mães e portanto, o funcionamento do útero era o ponto de equilíbrio das funções físicas, psíquicas e emocionais. Assim, ano após ano, o mesmo remédio era anunciado mudando pouca coisa nos dizeres do chamamento e divulgação. “A Saúde da Mulher”, por exemplo, com registros entre 1913 e 1927, teve no seu rótulo inicial, a fotografia de uma mulher de vestido comprido e avental, varrendo o chão; depois, a fotografia de uma mulher escrevendo uma carta ou o rosto de uma mulher de perfil, com os olhos fechados. Os dizeres variavam um pouco conservando o enfoque.

Veja este:

O melhor bem da vida... A saúde é o melhor bem da vida. Da saúde dependem todas as outras felicidades, pois quem não tem saúde não pode ser feliz, embora seja a pessoa mais rica da terra. “A Saúde da Mulher” é a portadora desta felicidade, porque reabilita a saúde de senhoras que sofrem de doenças do útero e dos ovários. “A Saúde da Mulher” é o melhor remédio para regularizar, acalmar e estimular as funções uterinas¹⁰.

No caso do Regulador Gesteira, o apelo era mais dramático: Casamentos – O que toda moça precisa saber antes e depois do casamento:

Minhas Senhoras! [...] Até o gênio da mulher pode ficar alterado e ela de alegre que era passa a ser triste, aborrecida, zangando-se facilmente pelas coisas mais insignificantes! Ou: “Minhas Senhoras! Todos sabem que certos terríveis padecimentos e as mais perigosas perturbações genitais dos sofrimentos que perseguem grande número de mulheres. Quantas vidas cheias de desgosto e pesares, quantas lágrimas, quanta tristeza e quantos desenganos produzidos por estas tão dolorosas enfermidades!”¹¹

O que se pode depreender disso? Deste chamamento, fica fácil para as incautas acreditarem que as mulheres estão fadadas a serem infelizes pelo simples fato de serem do sexo feminino. E mais esta do Laboratório Bayer vem coroar este discurso, apresentando a noiva como “a desmancha prazer” da festa do seu casamento, além de trazer a figura do homem como a autoridade capaz de solucionar todos os problemas:

A NOIVA – Que violentas emoções as daquele dia! Que misto de prazer e de tristeza em todos os corações! E depois a igreja iluminada e florida, a casa cheia de gente, a música, as taças de champagne que se enchiam e se esvaziavam... E sobretudo, a noiva com uma fortíssima dor de cabeça e um horrível nervoso. Que fazer, Santo

⁹ Jornal *A Penna*, 02/01/1914.

¹⁰ Jornal *A Penna*, 05/05/2007.

¹¹ Jornal *A Penna*, 01/05/1925 e 24/06/ 1926 respectivamente



Deus? Nada mais simples: “Dois comprimidos” de Cafiaspirina. Cinco minutos de repouso e ei-la aliviada. Por isso o Papai sempre que se vai realizar em casa uma festa, a primeira coisa que põe na lista é um tubo de Cafiaspirina¹².

Apesar das grandes distâncias em relação à capital baiana e outros grandes centros, as notícias circulavam - tanto as corriqueiras como outras refletindo as grandes questões nacionais e internacionais e chegavam ao sertão, chegavam em Caetité¹³. Notícias da Europa e da América do Norte traziam as novidades do progresso e os seus reflexos nas mudanças sociais, porém, tais idéias eram difundidas com cautela pelo jornal e acompanhadas de críticas e recomendações no sentido de se preservar os valores da “boa sociedade”. Novidades da moda feminina como as saias curtas ou tipos de danças dentre outras coisas, apareciam sob censura como nos mostra a coluna Meu Cantinho com a matéria “Efeitos das saias curtas”, onde se lê: “Mas hoje as pernas das raparigas e das velhas andam aí a desafiar os postes de iluminação numa generalidade doentia de princípios malsãos”; e termina dizendo que as mulheres devem adotar a moda, mas sem expor “aos olhos profanos do homem tanta forma bela que devia estar em recato”¹⁴.

Na década de 1920, os discursos médico-sanitaristas então produzidos no bojo do movimento eugenista de repercussão mundial, estavam disseminados em todos os cantos do Brasil; “a atroz pobreza e deplorável saúde dos pobres haviam se cristalizado na consciência pública como uma questão nacional – ‘a questão social’. Os médicos, especialistas e reformadores presumiam que doenças sociais se acumulavam na base da hierarquia sócio-racial”; nesse sentido, os pobres eram vistos como predestinados a serem pobres, sujeitos, ignorantes e que, pela reprodução natural, estariam transmitindo traços inadequados às populações vindouras. Assim as mentalidades absorviam com naturalidade preconceitos de classe, de raça, de gênero. (STEPAN, 2005:47).

Alcoolismo, doenças venéreas, degeneração, fertilidade, natalidade, tuberculose, estavam ligadas à “purificação” da nação brasileira e, portanto, proclamavam que a eugenia não era uma fantasia utópica, mas uma realidade das nações científicas modernas, entre as quais arvorava-se o Brasil o desejo de sê-lo.

À família brasileira, considerada por muitos como responsável pelos males da modernidade e centro de preocupações, destinaram-se projetos para sanear, moralizar, “eugenizar”; o papel social

¹² No rótulo, a fotografia de uma noiva, é a propaganda que aparece no *A Penna*, em 05/05/1927.

¹³ Segundo SANTOS (1995:279), o Correio foi estabelecido em Caetité em 1832 e o sistema de telégrafos, em 1896. Neves (1986:6), nas memórias da sua infância e adolescência, vividas na segunda e terceira décadas do século XX, conta-nos que o correio chegava duas vezes por semana e, quando havia urgência na notícia, o sistema de telégrafos era eficiente na transmissão do que fosse necessário.

¹⁴ Conta ainda o caso do funcionário público austríaco que pediu o divórcio por causa dos vestidos curtos e saias imorais usados por sua mulher. *Jornal A Penna*, 21/04/1927.



das mulheres nesse contexto, era fundamentalmente a reprodução e várias políticas se voltaram para elas, como a prevenção contra doenças sexualmente transmissíveis; a sífilis era apontada como o veneno que saturava o organismo e o prejudicava por sucessivas gerações.

No Jornal *A Penna* essas idéias estavam postas em notícias como:

”Em benefício da raça: O exame pré-nupcial: - É talvez a medida legislativa de maior vulto para o revigoramento da raça que já se tem levado ao Congresso neste regimen republicano. A syphilis e a degeneração pelo álcool, são os maiores danificadores da raça. [...] O casamento é o acto social mais importante que conhecemos, na ligação dos dois cônjuges está em jogo a vitalidade racial e o desenvolvimento moral e econômico da família. A hygiene social oppõe-se aos casamentos de alcoólatras, degenerados e tantos outros indivíduos incapazes de uma procriação sadia e intelligente”.¹⁵

A preocupação com estes aspectos era tão premente que, o fato de alguém ter se curado de sífilis era publicado no jornal, que trazia a seguinte notícia: “Syphilis antiga – Sofreu por muitos annos e das mais cruéis manifestações syphilitica, usando em vão de todos os medicamentos, o zeloso agente do Correio de Boa Nova neste Estado, o sr. Júlio da Rocha e Silva que se curou completamente com o ‘Antigni’ do dr. Machado”¹⁶.

Assim, fica evidente que as mulheres sofriam muitas pressões para se enquadrarem no modelo regulado pela opinião pública fortemente impregnada por valores conservadores e machistas; mesmo as de famílias abastadas sofriam pressões silenciosas e veladas, como nos mostra o caso de Celsina Teixeira que cuidou por vários anos do marido doente de “menigite syphilitica”, conforme comenta Profeta (2009:160):

No caso de Celsina, com o objetivo de “evitar qualquer responsabilidade futura”, revelou a cobrança da família em sentido contrário, ou seja, nos devidos cuidados ao marido enfermo e isso não apenas durante esse episódio, mas ao longo dos “dez anos e onze meses de martírio”.¹⁷

Tensões, embates e participações femininas que sabemos existir nas relações de sociabilidade, na lógica do cotidiano e na busca da sobrevivência não aparecem no jornal em análise. Para trazer à tona esses quadros, vale adotar o caminho da análise relacional e relativista como nos aponta Dias (1992:41), e na perspectiva da hermenêutica crítica do cotidiano, desvendar outros lugares em que as mulheres estejam inscritas, atuando e constituindo novas subjetividades. Assim, é possível perceber o mesmo tempo em outros ritmos, perceber o diferente, o que muda e o que permanece num determinado contexto.

Nesta perspectiva, e lançando olhares em outras direções, foi possível encontrar as mulheres nos mais diferentes espaços. A começar pelo setor educacional que em Caetité foi um importante

¹⁵ Jornal “A Penna” -01/12/1927

¹⁶ Jornal A Penna, 03/01/1920.

¹⁷ Informação retirada da Dissertação de Mestrado em História Social defendida na PUC-SP, em Outubro/2009, por Marcos Profeta Ribeiro, cujo título é: “Mulheres e Poder no Alto Sertão da Bahia: a escrita epistolar de Celsina Teixeira Ladeia (1901 a 1927)”.



canal de ascensão para as mulheres, considerando que entre 1896 e 1903 existiu na cidade uma Escola Normal; esta diplomou três turmas, num total de 22 professoras (já que o ensino destas escolas era exclusivamente para o sexo feminino). Apesar de nem todas terem assumido o exercício do magistério, significou um lançar de sementes rumo à melhoria da situação das mulheres naquela sociedade fortemente marcada pela autoridade masculina. Um exemplo é apresentado por Gumes (1974:24), de uma professora diplomada na primeira turma que tendo ficado viúva ainda jovem, não contraiu segundas núpcias e conseguiu criar e educar bem os filhos com os provimentos do ofício no magistério. Uma segunda e definitiva Escola Normal foi criada e funcionando desde 1927, foi pouco a pouco formando moças para o magistério e colocando-as num crescente mercado de trabalho.

No que tange ao trabalho de assistência aos carentes, as relações de convívio social entre as mulheres desfaziam as distâncias entre as classes sociais; nas campanhas beneficentes mulheres de diferentes níveis sociais se irmanavam na luta em busca de recursos para os mais carentes; também há registros de mulheres organizando com brilhantismo a festa da padroeira e outras festas religiosas.

Estudos de outros memorialistas, mostram-nos mulheres costureiras que aumentavam seus recursos durante as festas cívicas e religiosas; mulheres que tocavam bandolins e se apresentavam nos salões das famílias abastadas; mulheres ajudando na organização dos eventos cívicos, principalmente o “Dois de Julho” festa de muita pompa em Caetité, além das lavadeiras, cozinheiras e auxiliares dos serviços domésticos que nestas atividades de seu “ganha pão” eram indispensáveis no cotidiano social.

Muitos processos cíveis e criminais encontrados no APMC, dão-nos a idéia de que as mulheres marcavam a sua presença na sociedade solicitando terrenos da prefeitura para construção de casas, envolvidas em questões de terras as quais disputavam para a prática da lavoura, sem falar de outros trabalhos diretamente ligados à agricultura e criação de gado. Aí as ações femininas aparecem fora dos esquemas impostos, subvertendo a organização pré-determinada socialmente, o que nos faz lembrar Perrot (2005:273), quando diz que “as mulheres não foram somente vítimas ou sujeitos passivos. Utilizando os espaços e as tarefas que lhes foram deixados ou confiados, elas elaboraram, às vezes, contra poderes que podiam subverter os papéis aparentes”. Organizando o cotidiano, transformando-o em base do seu poder iam inscrevendo não só os seus sofrimentos, mas também os seus prazeres. Estendiam suas ações até a rua e a vizinhança, participavam de redes de



solidariedade e assim se tornavam valorizadas e até exaltadas. Muitas das vezes garantiam posições de chefes de famílias e adotavam modelos familiares diferentes do convencional.

A despeito das propagandas apresentadas no início deste trabalho, como dizer que as mulheres eram frágeis ou incompetentes para ocupar certos espaços sociais? No período analisado, as evidências além das páginas do Jornal *A Penna*, nos mostram que “mulher que vale a pena” é mulher consciente de suas múltiplas possibilidades de ação nos grupos em que vive; é mulher aguerrida que pode se colocar com autonomia na defesa do seu existir e longe da condição de “Amélia”¹⁸, subverter os múltiplos e variados meandros da dominação masculina.

Fontes Básicas e Literatura Memorialista:

Periódico: Jornal *A Penna* - 1897 a 1943- Digitalizado. Arquivo Público Municipal de Caetité (APMC)

Processos cíveis e criminais - 1897 a 1930 – (APMC)

Literatura Memorialista:

- GUMES, Marieta Lobão. *Caetité e o clã dos Neves*. Salvador, 1974

- SANTOS, Helena Lima. *Caetité – Pequeninina e ilustre*. Brumado/BA: Gráfica e Editora Tribuna do Sertão, 1995, 2 ed.

- NEVES, Flávio. *Rescaldo de Saudades*. Belo Horizonte: Academia Mineira de Medicina, 1986

Referências Bibliográficas

CHARTIER, Roger. **A História Cultural – Entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: DIFEL, 1988.

DANNER, Mário Fernando Passos. Graciliano Ramos e a crônica – Uma vida em três séries. In: CHALHOUB, Sidney, NEVES, Margarida de Souza e PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda (orgs) – **História em coisas miúdas. Capítulos de História Social da crônica no Brasil**. Campinas – SP: Editora da Unicamp, 2005.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Teoria e Método dos estudos feministas: perspectiva histórica e hermenêutica do cotidiano. In: COSTA, Albertina de Oliveira e BRUSCHINI, Cristina (orgs). **Uma Questão de Gênero**. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992.

_____. Hermenêutica do Quotidiano na Historiografia Contemporânea. In: Revista Projeto História, Nº 17, Nov. 1998.

NEVES, Erivaldo Fagundes. **Uma comunidade sertaneja: Da sesmaria ao minifúndio (Um estudo de História Regional e Local)** Salvador: Editora da UFBA, 1998.

¹⁸ Referência ao samba “Ai que saudade da Amélia” – letra de Mário Lago e música de Ataulfo Alves- quando diz que “Amélia não tinha a menor vaidade, Amélia é que era mulher de verdade”.



PERROT, Michele. **Mulheres Públicas**. São Paulo: UNESP, 1998.

_____. **As mulheres ou os silêncios da história**. Bauru: EDUSC, 2005.

SCOTT, Joan W. El gênero: uma categoria útil para el análisis histórico. In: Amelang James S. y Nash Mary (orgs)- **História y Género – Las mujeres en la Europa Moderna y Contemporánea**. Valência: Edicions Alfons el Magnaniun – IUUEL, 1990.

STEPAN, Nancy Leys. **A Hora da Eugenia- raça, gênero e nação na América Latina**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005.